

# Crise energética será estímulo a uso de eólica, solar e biomassa

Aumento no custo da energia já afeta as empresas, e investimento em fontes alternativas vai aumentar

**HENRIQUE GOMES BATISTA**  
henrique.batista@oglobo.com.br  
SÃO PAULO

Se o apagão, em 2001, deixou como herança para o Brasil uma rede de termelétricas — fonte energética considerada cara —, a atual crise hídrica tende a deixar como legado mais investimentos em energia eólica, solar e de biomassa. Empresas buscam nessas fontes formas de se precaver de futuras secas, que tendem a se tornar mais frequentes com as mudanças climáticas, e veem a água como alvo de debates e perdendo espaço na geração energética.

— O uso da água vai ser analisado a partir de suas prioridades, como consumo humano e animal, deixando a geração elétrica em segundo plano — afirmou Rodrigo Sauaia, presidente executivo da Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (ABESolar).

Para Luiz Serrano, sócio e diretor da RZK Energia, o custo elevado decorrente da crise hídrica será um grande acele-

rador para as decisões de investimento nessas fontes. O preço do megawatt/hora (MWh) no mercado spot passou de R\$ 300, em março, para os atuais R\$ 520. Isso ainda deve se refletir na conta de luz dos consumidores residenciais na revisão tarifária anual, mas já impacta os grandes consumidores que não tinham energia contratada: — O investimento em autoprodução por parte de empresas que são grandes consumidoras deve ficar mais nítido no segundo semestre — afirma Serrano.

## BIOGÁS EM FRIGORÍFICOS

Elbia Gannoum, presidente da Associação Brasileira de Energia Eólica (ABEEólica), afirma que a energia vinda do vento pode chegar a 18% do fornecimento, o dobro do patamar atual, em setembro, quando os níveis dos rios deverão estar em seu pior momento: — Campos eólicos que estão em fase final de instalação e têm capacidade de 1 gi-

gawatt (GW) deverão entrar em operação antecipada, ganhando em média três meses em burocracia e obras.

A biomassa, por sua vez, continua muito concentrada em aterros sanitários e no bagaço da cana-de-açúcar, mas tem potencial para se diversificar. Manuela Kayath, presidente da MDC, empresa que operabiometano e vapor a partir de biomassa, vê uma aceleração nos projetos do setor: — Nos frigoríficos será possível gerar biogás a partir dos dejetos animais com um processo de biodigestão.

Ainda assim, a Associação Brasileira da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica) ressalta que o país explora hoje apenas 15% do potencial de biomassa do setor. Ou seja, o Brasil pode ter um rápido crescimento na geração de energia a partir do bagaço da cana. A RZK Energia entregou



**Vento.** Turbinas no Ceará: a energia eólica pode dobrar de patamar em setembro, para 18% da matriz energética do país, com entrada de novos campos

para a Claro a maior usina de geração distribuída do Brasil, uma unidade de biogás em Nova Iguaçu que gera, a partir de resíduos orgânicos, 4,65 MW médios.

A operadora de telefonia, que já conta com 52 usinas de fontes renováveis, prevê mais investimentos em projetos de energia: — O programa “Energia da Claro” é dinâmico e tem previsão de atender a 80% do consumo total de energia da Claro, com redução nas emissões de CO2 na atmosfera — conta Hamilton Silva, diretor de Infraestrutura da empresa.

João Teles, pesquisador da FGV Energia, ressalta que a diversificação da matriz elétrica do país é a razão de a atual crise hídrica não ter se transformado, automaticamente, em uma crise energética. Diferentemente do que

ocorreu no racionamento de 2001, quando as hidrelétricas representavam cerca de 90% da geração do país, hoje elas respondem por 63,8%, segundo a Empresa de Pesquisa Energética (EPE). E as fontes renováveis são relevantes: a eólica tem 9,2%, biomassa e biogás respondem por 9%, e a solar, por 1,7%.

**PARCERIA COM REINO UNIDO** Neste cenário, energias ainda mais disruptivas, como a eólica *offshore* (com campos marinhos) e o hidrogênio verde, que ainda são promessas no país, devem ganhar velocidade. E um dos maiores incentivadores é o governo britânico.

Simon Wood, cônsul-geral do Reino Unido no Brasil, afirma que a implementação global da eólica *offshore* deveria estar sendo feita em uma velocidade quatro vezes mai-

or. Ele acredita que o Brasil, com uma costa marítima tão ampla, tem grande potencial, ainda que precise superar alguns problemas regulatórios e de financiamento. — Embora se trate de uma questão ambiental, a transição energética cada vez mais é uma questão econômica também. É cada vez mais barato produzir energia a partir de eólicas *offshore* do que de derivados de petróleo. Temos muitas parcerias com o Brasil, inclusive na questão do financiamento. E já temos até cooperações municipais, como entre as cidades de Aberdeen, no Reino Unido, e Macaé, no Rio — conta Wood.

O cônsul-geral espera mais parcerias em hidrogênio verde e energia solar — que, no chuvoso Reino Unido, têm o dobro de participação na matriz energética total que no Brasil.

ESPECIAL PUBLICITÁRIO PRODUZIDO POR **Glab** GLAB.GLOBO.COM

## Estúdios: plantas enxutas, mas com projeto premium

O modelo de apartamento menor, que virou febre na capital paulista há 5 anos, chega com força ao mercado carioca

### MORAR BEM

Quem disse que tamanho não é documento? No mercado imobiliário carioca, tamanho virou passaporte para um documento muito ansiado pelos consumidores: a escritura da casa própria. Ou melhor, do estúdio próprio. O modelo de apartamento menor — em torno de 30 metros quadrados — conquista cada vez mais moradores, por apresentar a possibilidade de garantir um imóvel para chamar de seu, em bairros com infraestrutura de primeira e valores acessíveis.

O diretor-geral da Brasil Brokers, Vitor Moura, explica que a febre dos estúdios começou em São Paulo há uns cinco anos. No Rio, demorou mais para chegar, por causa da legislação, que impedia a construção de apartamentos menores. Com a mudança na lei, as incorporadoras

cariocas puderam também fazer seus estúdios.

Com a taxa de juros mais baixa, o mercado imobiliário voltou a ser atraente para quem busca um investimento seguro. Apartamentos menores, com tíquetes mais baixos, cumprem perfeitamente essa função. Um bom exemplo é o Forma, no Leblon, já todo vendido, com apartamentos de 35 metros quadrados saindo em torno de R\$ 1 milhão, em um dos bairros mais valorizados e cobijados da cidade.

— O metro quadrado pode parecer caro se comparado com outros bairros, mas, em um apartamento pequeno, é factível para muitas pessoas — observa Moura.

E que ninguém ouse comparar os modernos estúdios com as malfaladas quitinetes. Esses pequenos imóveis são gigantes em design, comodidades e lazer.

É o caso, por exemplo, do Skylux by Tegra, no Centro do Rio. O empreendimento terá, entre outros atrativos, um rooftop, com sky lounge, open bar e piscina com vista para a Baía de Guanabara. Sem falar em academia e salas de reunião disponíveis para os moradores das 322 unidades.

— Esses apartamentos compactos, com plantas enxutas e eficientes, têm preços mais acessíveis se comparados aos de residências de perfil familiar. O valor e o projeto premium são, sem dúvida, um atrativo para compradores em busca de um estilo de vida mais prático e conectado e para investidores interessados no retorno dos aluguéis — diz o gerente-geral de Incorporação da Tegra no Rio, Marcelo Parreira.

### USOS EVENTUAIS

Nas regiões mais tradicionais do Rio, como os bairros



**Compactos.** Imóveis com espaço ideal para quem busca um estilo de vida mais prático

ros da Zona Sul e o Centro, grande parte dos imóveis ofertados é mais antiga, tem menos infraestrutura de lazer e, muitas vezes, maiores custos de manutenção, observa Parreira.

— Como ficam em áreas com boa infraestrutura de serviços e de transporte, os novos estúdios suprem essa busca pela comodidade com baixo custo e são adequados para usos eventuais, o que faz deles boas opções também para aluguéis de curta duração — afirma ele.

Na avaliação da coordenadora comercial da Mozak, Gabrielle Calçado, o estúdio é um tipo de imóvel que interessa a diversos

públicos: desde o investidor até o turista brasileiro ou estrangeiro que gostaria de ter um pouco próprio no Rio, passando por casais que estão começando a vida ou que, depois de criarem os filhos, querem um apartamento menor e que dê menos trabalho.

— É difícil encontrar um cliente que queira comprar um apartamento convencional para passar férias no Rio. Mas um estúdio é viável e resolve a questão de ficar em hotel ou procurar imóvel para alugar — diz Gabrielle.

A Mozak tem dois empreendimentos com estúdios no Leblon: um está in-

teiramente vendido e, no outro, resta apenas uma unidade sem dono. Para atender à demanda, a empresa prepara lançamentos em Botafogo e no Flamengo. Segundo Gabrielle, essa procura pode ser explicada também por um novo estilo de vida dos cariocas.

— O estúdio é uma tendência que veio para ficar. As pessoas, de maneira geral, estão priorizando a qualidade de vida. Preferem morar em um apartamento menor, que seja mais bem localizado, com serviços por perto e que não exija ter carro, por exemplo. A sustentabilidade está em alta no mercado — afirma.

“O metro quadrado pode parecer caro se comparado com outros bairros, mas, em um apartamento pequeno, é factível para muitas pessoas”

**VITOR MOURA**  
Diretor-geral da Brasil Brokers